

MATTOSO CÂMARA E O AVANÇO DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL

Darcilia Simões (UERJ)

PALAVRAS INICIAIS

É com imenso orgulho que participo de evento comemorativo do centenário de nascimento de Joaquim Mattoso Câmara Jr (Congresso Internacional de Língua Portuguesa – jul-2004 – UERJ). Na qualidade de estudiosa da língua portuguesa e, por isso, profundamente envolvida nos avanços da lingüística, procuro sempre render homenagem ao legado mattosiano.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970) iniciou o ensino sistemático de Lingüística no Brasil, constituindo sua preocupação constante as investigações no estudo científico da linguagem.

Lingüista por formação, conhecedor de métodos científicos de descrição sincrônica (desenvolvidos por especialistas da época) e de lingüística diacrônica aplicada à Língua Portuguesa, apresenta, no conjunto de sua obra, uma contribuição inigualável.

Trazendo contribuições de correntes teóricas estrangeiras aliadas a uma visão revolucionária dos fatos lingüísticos, Mattoso Câmara Jr. redirecionou a descrição do sistema lingüístico do português, apontando saídas relevantes para a interpretação dos fatos da língua e da fala. Sua abordagem propôs novo paradigma para a descrição lingüística em nosso cenário, aplicando os modelos estruturalistas iniciados por Saussure (CLG, 1910-1913) de modo a distribuí-los pelos planos da análise lingüística, removendo do caminho do entendimento os ruídos provocados pelo cruzamento inadequado de fatos, fenômenos e nomenclaturas de um nível para outro.

Numa época em que o português de Portugal orientava os estudos lingüísticos, Mattoso Câmara Jr. sistematizou a língua falada no Brasil. Fundou o primeiro programa de pós-graduação em lingüística do país e criou o primeiro curso de línguas indígenas no Rio de Janeiro, onde nascera a 13 de abril de 1904.

O LEGADO BIBLIOGRÁFICO

O primeiro compêndio de lingüística geral em língua portuguesa – *Princípios de lingüística geral* – é assinado por Mattoso Câmara Jr. Foi publicado em 1942 e, a respeito desta obra o professor Sousa da Silveira escreveu, em seu prefácio: *A leitura atenta do livro do professor Mattoso Câmara porá ordem dentro de muito cérebro, onde as noções lingüísticas ainda se aglomeram confusamente.*

Várias obras dedicadas ao estudo da língua portuguesa fazem parte da extensa produção de Mattoso Câmara Jr. Publica uma série de *Pequenas lições de português* no periódico carioca *Correio da Manhã* no decorrer do ano de 1934. Logo lançaria o primeiro volume de *Elementos de português* e *Elements of English*, coleção de livros didáticos para ensino primário.

Dicionário de fatos gramaticais (depois denominado *Dicionário de filologia e gramática* e hoje conhecido como título *Dicionário de lingüística e gramática*), *Manual de expressão oral e escrita*, *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, *Problemas de lingüística descritiva são algumas das produções mattosianas imprescindíveis à formação do profissional das Letras.*

Dentre os trabalhos dedicados à estilística – campo que mereceu especial atenção de Mattoso Câmara Jr. – encontram-se: *Contribuição à estilística portuguesa*, *Considerações sobre o estilo (in Dispersos)*, *Ensaio machadiano: língua e estilo.*

Princípios de Lingüística Geral (1942) é um compêndio de leitura obrigatório a todos que se iniciam na descrição da língua portuguesa. Nesta obra, Mattoso Câmara Jr. consegue

clarificar passo a passo os postulados estruturalistas, fazendo com que certas críticas apressadas fossem vistas como decorrentes do não-entendimento do modelo de análise então proposto.

Mattoso traduziu obras relevantes de lingüistas estrangeiros como Edward Sapir e Paul Garvin, por exemplo.

O volume *Introdução às línguas indígenas brasileiras* reúne palestras ministradas em 1960 na divisão de Antropologia do Museu Nacional, centro pioneiro de estudos de línguas indígenas que ajudou a fundar.

Em 1967 Mattoso Câmara Jr. escreve o ensaio *O estruturalismo lingüístico*, em que admite uma visão de múltiplos estruturalismos, uma vez que este é um método aplicável a inúmeras disciplinas. Em 1970, é publicada *Estrutura da língua portuguesa*, obra inacabada e de edição póstuma. Em 1972, Carlos Eduardo Falcão Uchôa lança *Dispersos*, coletânea que reúne artigos e resenhas de diversas épocas. No mesmo ano, é publicada *The portuguese language*, primeira sistematização da língua portuguesa em inglês.

Em 1975, é publicada (como obra póstuma) *História e estrutura da Língua Portuguesa* cujo conteúdo é indispensável na formação de um pesquisador da língua portuguesa.

MATTOSO E O ESTRUTURALISMO NO BRASIL

Joaquim Mattoso Câmara Jr instaurou no Brasil o estruturalismo, doutrina que marcou as ciências humanas a partir da década de 1960 e que se propunha a compreender uma totalidade (no caso, a língua) como estrutura definida pela relação funcional entre seus elementos constituintes.

Embora baseada nos preceitos do estruturalismo funcional, que busca os usos e aplicações da linguagem, a obra de Mattoso Câmara Jr. apresenta traços da lingüística descritiva de base antropológica. Ele estudou as relações entre língua e cultura e entre a lingüística e a história. Percebeu que a língua não muda em bloco; cada grupo de elementos se altera em um ritmo.

Sua descrição do sistema fonológico do português dá um exemplo de capacidade analítica e coerência teórica, sobretudo abordando questões polêmicas do ensino-aprendizagem da língua. Enfrentou a questão da nasalidade, propondo a descrição de um sistema de vogais orais que podiam constituir sílaba travada por consoante nasal, contrapondo-se à tradicional divisão das vogais portuguesas em orais e nasais.

Veja-se o que diz o mestre:

O meu ponto de vista (...) é que se deve procurar esse traço distintivo na constituição da sílaba. Em outros termos: a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal. (Câmara Jr., 1973: 37).

A partir disto demonstrou a diferença entre a *nasalidade fonológica* – distintiva; Ex: cato/canto – e a nasalidade fonética – não-distintiva; Ex: banana/muito/lama. Seguindo Malmberg, Mattoso identifica uma nasalidade por assimilação fonética e não-distintiva.

Neste plano, Mattoso trouxe realmente uma contribuição relevante, que é a fonologia com as oposições distintivas. Demonstrou que fonema não é realidade meramente fônica; senão uma realidade lingüística no sentido estrutural: o mesmo som oral pode ser fonema numa língua e pode não ser em outra, porque em uma tem oposição distintiva e em outra não tem. Em síntese, em uma língua é variante e noutra língua é fonema. Desta forma pode-se deduzir que entre o português do Brasil e o português de Portugal há variantes, mas não há fonemas distintos, opositivos.

O estruturalismo pôde auxiliar nas tarefas da filologia ou da gramática de tradição pedagógica. Gramáticas, como a do Bechara, que tiveram certo fundamento científico, aproveitaram, ainda que em parte e discretamente, o estruturalismo lingüístico.

A obra de Mattoso abrange a morfologia também, embora sem o rigor que impôs à sua tese sobre a fonologia do português (por ele tratada como fonêmica, por influência norte-americana).

A observação do signo lingüístico como uma entidade geradora de significados e sentidos permitiu-lhe descrever fatos e fenômenos gramaticais sempre se pautando nas conseqüências morfossemânticas e numa dimensão pancrônica, onde a sincronia e a diacronia se encontram em mútuo referendo.

Os vocábulos de uma língua constituem um conjunto ordenado, e o que concorre para essa ordenação é o fato de apresentarem semelhanças de forma, de sentido e de função. Daí poderem ser agrupados ou classificados levando em conta três critérios: o *formal* ou *mórfico*, o *semântico* e o *funcional*. O critério formal ou mórfico baseia-se nas características da estrutura do vocábulo; o semântico baseia-se no seu modo de significação (extralingüístico e intralingüístico), e o funcional baseia-se na função ou papel que ele desempenha na oração (Câmara Jr., 1973: 67). A aplicação desses critérios nos conduzirá às classes de vocábulos, ou seja, aos conjuntos *das unidades que têm as mesmas possibilidades de aparecer num dado enunciado*. (Dubois, 1973, p.108).

Segundo Mattoso Câmara Jr., o critério semântico não deve ser observado isoladamente, como acontece comumente na Gramática Tradicional. Para ele, o critério semântico e o critério mórfico se associam de forma muito estreita, pois o vocábulo é uma unidade de forma e de sentido. *O sentido não é qualquer coisa de independente, ou, mais particularmente, não é apenas um conceito; conjuga-se a uma forma. O termo 'sentido' só pode ser entendido com o auxílio do conceito de 'forma'* (Câmara Jr., 1973: 67).

De acordo com o critério morfossemântico, os vocábulos do português, numa classificação funcional, se agrupam em *nomes, verbos e pronomes*. Restam certos vocábulos, por Mattoso classificados como formas dependentes, em sua maioria, cuja função essencial é relacionar uns com os outros, ou entre si, os nomes os verbos e os pronomes. São os dítos *conectivos*, uma vez que estabelecem conexão entre dois ou mais termos. Entre os conectivos, aparecem certos vocábulos que se reportam a um nome ou pronome, cujo lugar substituem na enunciação. A gramática tradicional os denominou pronomes relativos. Ficam de fora ainda os adjetivos, os advérbios, os numerais e as interjeições.

Observe-se que adjetivos são nomes que determinam outros nomes, os substantivos. Por isso, atuam como coadjuvantes sintáticos. O mesmo ocorre com os advérbios que têm a particularidade de poder determinar até outro advérbio. Basicamente sua função é também de coadjuvante.

Os numerais podem ser vistos como um tipo-substantivo específico por identificar séries, ordens, etc. Como também podem atuar na posição determinante, figurarão também como tipo-adjetivo.

Restam as interjeições que não têm função sintática nas orações nem designam ou determinam nenhum nome ou verbo. São, portanto classe à parte. Assim como os artigos que só operam na função de determinantes.

Com base nesta interpretação da classificação dos vocábulos, tornou-se possível propor uma reordenação das classes em geral, agrupando-as morfosintaticamente, o que veio a facilitar o entendimento das relações entre as funções sintáticas e as classes gramaticais.

Do ponto de vista funcional, as classes de vocábulos podem ser diferenciadas de acordo com características sintáticas. O *nome* funciona como núcleo do sintagma nominal, acompanhado por determinantes e modificadores. O *verbo* funciona como núcleo do sintagma verbal, acompanhado por complementos e modificadores. Tomando *nome* e *verbo* como referências de classes principais e a eles acrescentando os *pronomes* e *numerais que funcionam como substantivos*, pode-se obter o seguinte quadro (cf. Macedo, 1977: 33; Barros, 1985: 98-100):

**Quadro 1 –
Relações entre classes gramaticais e funções sintáticas**

PRINCIPAIS	ADJUNTAS	CONECTIVAS	MARCO DE CLASSE E DE CATEGORIA	EXPRESSÃO DE SITUAÇÃO
Substantivo	Adjetivo	Preposição	Artigo	Interjeição
Verbo	Advérbio	Conjunção		
Pronome-substantivo	Pronome-adjetivo	Pronome relativo		
Numeral-substantivo	Numeral-adjetivo			

Vê-se então um avanço técnico-pedagógico na descrição da língua, facilitando o entendimento dos fatos gramaticais por parte dos estudantes mais incipientes.

**OUTROS ASSUNTOS
ENRIQUECIDOS PELA VISÃO MATTOSIANA**

O estudo dos vocábulos em português

Introduzindo o contraste entre língua oral e língua escrita na descrição dos vocábulos, Mattoso aponta a clássica falha de explicar-se o espaço em branco entre vocábulos na escrita como correspondente a momentos de silêncio na fala (cf. Camara Jr., 1971: 34). Discutida esta impropriedade, o estudioso trouxe à análise as figuras do vocábulo formal em confronto com o vocábulo fonológico, levantando a importância da distinção entre o que se fala e o que se escreve e amplificando a relevância do conteúdo semântico dos vocábulos.

As noções de vocábulo fonológico e de grupo de força trouxeram significativa contribuição para o entendimento de fatos da escrita que eram até então considerados produtos de alta ignorância do usuário. No entanto, uma vez conhecidas aquelas noções, percebeu-se que tais fatos eram, ao contrário, a materialização de deduções de alta complexidade, por meio de uma transposição do fato fonológico para a grafia. Formas como: a) *cadique* (por causa de que), b) *poriço* (por isso), c) *derrepente* (de repente) comprovam a teoria do grupo de força (a) e do vocábulo fonológico (b e c) sem a necessidade de maiores requintes descritivistas. O falante demonstra pela aglutinação a submissão de todo um conjunto fônico a uma sílaba tônica, assim como a subordinação a um conteúdo semântico correlato.

Veja-se o quadro:

Por causa de que	Cadique	Comprova a teoria do grupo de força
Por isso	Poriço	Comprovam a teoria do vocábulo fonológico
De repente	Derrepente	

A interpretação mattosiana do vocábulo português é de alta relevância para os avanços no plano fônico, mórfico e sintático-semântico, uma vez que dão suporte até a interpretação de fatos ligados à entonação, à pontuação e ao estilo.

Alofonia da VT nos radicais dos verbos irregulares

A atitude normativista muito pouco explicitava acerca dos fatos gramaticais. A voz predominante era a da autoridade. Por isso, o entendimento da divisão dos verbos em três conjugações, durante muito tempo, configurou-se como grave dificuldade no aprendizado da língua portuguesa. O recurso às formas latinas foi-se tornando um obstáculo inexpugnável para os estudantes, uma vez que o latim foi desaparecendo dos currículos escolares. No entanto, a atitude estruturalista apregoada por Mattoso veio a apresentar uma solução prática para a questão, ao trazer à descrição a figura da alomorfia e aplicá-la na descrição dos radicais dos verbos irregulares. Com este raciocínio, pôde demonstrar que na estrutura das conjugações verbais emergiam padrões especiais, ou novas regularidades. Tais irregularidades ocorrem na VT, apresentando alterações não só de timbre, como também de evolução de índice temático (Ex. *caib*–de *caber*.) O padrão especial mais relevante é o que estabelece uma oposição entre o radical dos Pretéritos Perfeito (IdPt₂) e Mais-que-perfeito (IdPt₃) do Indicativo, do Pretérito

(Sb₂Pt) e do Futuro (Sb₂Ft) do Subjuntivo e o das outras formas verbais (Mattoso Câmara Jr., 1973: 102). Com base nesta proposta descritiva, as gramáticas pedagógicas inauguraram uma nova fase na compreensão dos mecanismos estruturais da conjugação do verbo português.

Ilustrando:

Verbos regulares	Um radical	Canto (IdPr); Cantou (IdPt ₂); Cantar (Inf)	VT do infinitivo
Verbos irregulares	Mais de um radical	Caibo (IdPr); Coube (IdPt); Caber (Inf)	Alomorfa na VT

Mais uma fala do mestre sobre o tema:

A mais profunda das variações de radical é a que se encontra num pequeno número de verbos, em que as formas se distribuem em dois radicais distintos, que podemos chamar, respectivamente, o radical de imperfeito (RI) e o radical de perfeito (RP). Este último, que é o divergente, aparece nos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo (IdPt₂ e IdPt₃) e no pretérito e futuro do subjuntivo (SbPt e SbFt). (Câmara Jr., 1972: 107)

A questão do gênero: flexão ou derivação?

Com visão predominantemente sincrônica, Mattoso enfrentava os fatos gramaticais com forte predisposição para a descrição simplificada. Discuti a visão tradicional com que se encarava a flexão de gênero e se permitia fosse confundida com o sexo dos seres. Desta incoerência resultava a dificuldade de entender como os nomes de coisas (assexuadas, é claro) poderiam participar da categoria de gênero. Ilustrando: era fácil entender a classificação de gênero de nomes como *gato*, *menino*, *moço*, *pai*, *cão*, etc.; mas era extremamente difícil compreendê-la em nomes como *revista*, *livro*, *lápiz*, *mente*, etc. A consequência era a formação de pares que feriam a lógica, tais como: *padre/madre*; *frei/sóror*; etc. Se o critério era sexo e, por conseguinte, possibilidade de acasalamento, estas duplas seriam impossíveis do ponto de vista cultural. Logo, Mattoso demonstrou a diferença entre classificação formal e conteúdo semântico, afastando assim a noção de gênero vocabular da de sexo biológico. As palavras são classificáveis quanto ao gênero independentemente de serem flexionáveis ou não. *Fama*, *criança*, *rima* são nomes femininos; *campo*, *telefonema*, *trompete*, são nomes masculinos, mas nenhuma das séries admite flexão. Cumpre lembrar que entre os ditos epicenos, embora referentes a nomes de animais, a base do sintagma lexical terá seu gênero inalterável e independente do sexo do animal a que nomeia. Exemplo: *onça-macho* e *onça-fêmea*; *tigre-macho* e *tigre-fêmea*; embora os lexemas *macho* e *fêmea* designem diferenciadamente o sexo dos animais, o lexema *onça* é sempre feminino e o lexema *tigre* é sempre masculino. Logo, categoria e flexão não são iminentes, nem consequentes, tampouco existe relação entre categoria nominal (gênero) e biológica (sexo).

Para objetivar:

Marco de categoria	Vocábulos	Classificação quanto à formação	Gênero
O	gato, menino, moço, pai, cão,	Primitivas	Masculino
A	revista, livro, lápis, mente	Primitivas	Feminino
A	Fama, criança, rima	Primitivas	Feminino
O	campo, telefonema, trompete	Primitivas	Masculino
A	onça-macho e onça-fêmea;	Compostas	Feminino
O	tigre-macho e tigre-fêmea;		Masculino
O	padre	Primitivas	Masculino
A	madre		Feminino
O	frei		Masculino
A	sóror		Feminino

Conclusões pós-mattosianas: a) o determinante do gênero vocabular é o *artigo* (marco de classe e de categoria); b) não há relação entre a categoria gramatical *gênero* e a categoria biológica *sexo*; c) a formação dos epicenos apresenta solução morfossemântica para a categoria biológica de sexo, sem, contudo, alterar o gênero do sintagma lexical; d) a categoria de gênero integra os mecanismos de flexão; e) nem todas as palavras são flexionáveis quanto ao gênero e f) a formação de pares semânticos não está relacionada com a flexão de gênero.

Flexão de nomes em – ão

Buscou mostrar a regularidade da flexão dos nomes em – ão, que se apresentava também como dificuldade no aprendizado da língua portuguesa. Construiu a hipótese dos temas teóricos em – e e outro em – e ou – o. Esta última configura o padrão mais simples: a forma teórica coincide com a forma concreta singular. Ex. irmão + s = irmãos. A primeira (tema em – e) se realiza no modelo de pão [*pae] e recebe o – s na flexão. Assim tem-se: a) – ão : – ãos; b) *-ãe : – ães (obs. Que em mãe, o tema teórico se realiza no singular: mãe – mães); c) *-õe : – ões (estrutura mais freqüente).

Para ilustrar:

-ão	Sem tema teórico + – s	Irmão : irmãos
	Temas teóricos em – e	Pão [*pãe] : pães
	Temas teóricos em – o	Caminhão [*caminhõ]: caminhões (estrutura mais freqüente)

Alomorfia sufixal na discussão das vogais e consoantes de ligação

Na morfologia tradicional, apontou-se a evolução de uma vogal ou consoante de ligação em prol da eufonia de certas formas derivadas. Assim, palavras como *chaleira*, *cafeteira*, *dentadura*, *formatura*, *bambuza*, *cafezal*, *gasômetro*, tinham em sua estrutura formal o elemento grifado classificado como *vogal* ou *consoante de ligação*. No entanto, em se tratando de uma análise morfológica, a classificação se mostra inadequada por remeter ao plano fônico. A figura do alomorfe propiciou uma descrição mais coerente para aquelas formações, pois os elementos classificados como fonemas (vogais e consoantes de ligação) puderam receber tratamento mórfico, sendo então incluídos nos sufixos e passando a ser considerados formas variantes ou alomórficas.

À guisa de objetivação:

Antes de Mattoso				Depois de Mattoso	
Vocábulo	Lexema	V ou C de ligação	Sufixo derivacional	Lexema	Sufixo derivacional
Compiteira	compot-(a)	∅	eira	compot-(a)	eira (forma básica)
Chaleira	cha-	l	eira	cha-	leira (alomorfe)
Cafeteira	café-	t	eira	café-	teira (alomorfe)
Alcoômetro	álcoo(l)	∅	metro	álcoo(l)	metro (forma básica)
Gasômetro	gas-	o	metro	gas-	ometro (alomorfe)

A inclusão do grau entre os processos de formação de palavras

Mais um fato gramatical problemático é a confusão entre flexão e derivação. Por conta disto, é comum ouvir-se dizer: – Concordo com você em gênero, número e grau! No entanto, esta afirmação pressupõe a inclusão do grau no mecanismo de flexão, o que não é válido pelo simples fato de ser esta um mecanismo obrigatório do qual depende a relação de concordância. A formação do grau é mecanismo facultativo e não interfere na concordância, por isso adequa-se à derivação. Graças aos paradigmas apresentados pela análise estrutural implementada no Brasil por Mattoso Câmara Jr., tornou-se possível estabelecerem-se estas diferenças e afastar o grau do conjunto de flexões nominais.

Resumindo graficamente:

Flexão nominal	Flexão verbal
Gênero	Moto/tempo
Número	Número/pessoa

Flexão	Derivação
Mecanismo obrigatório	Mecanismo facultativo
Ajusta uma palavra para novos usos	Cria novas palavras
Atua na concordância	Não atua na concordância

Para objetivar:

Exemplo	comentário
Menino alto. Meninos altos. Meninas altas.	Flexiona-se o adjetivo em conformidade com o substantivo, em gênero e número. É obrigatório o ajuste dos dois termos do sintagma em benefício da concordância. A consequência é sintático-semântica.
Casa nova. Casinha nova. Casa novinha . Casinha novinha .	A seleção de forma em grau diminutivo (ou aumentativo) não implica alteração da forma dos dois membros do sintagma. A consequência é eminentemente semântica.
Conclusão: Mattoso demonstrou e comprovou que o grau não é um mecanismo flexional, mas derivacional.	

MATTOSO E SUA PREOCUPAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

O estudioso desde cedo demonstrou preocupação didático-pedagógica com a descrição do português. Isto foi documentado com a produção de série didática divulgada pelo Correio da Manhã (1934). O *Manual de expressão oral e escrita* (1961) reúne materiais de aulas ministradas aos Alunos-oficiais da Escola de Comando e Estado Maior da Aeronáutica. Na Parte II de *Dispersos*, há estudos que se reportam ao uso da língua, demonstrando tendências do português de ultramar e fornecendo argumentos para uma nova interpretação do que era até então considerado *erro gramatical*.

Vejam os que diz o mestre na explicação preliminar da 1ª edição do Dicionário de Filologia e Gramática:

Não há arte normativa sem a base do conhecimento científico da interpretação desinteressada, quer se trate de uma ciência da natureza, quer de uma ciência do homem. É por não atentar nesta verdade que a nossa gramática escolar, mesmo depois de adereçar-se com o eruditismo da Filologia, patinha em regras estéreis, falazes e contraditórias, e perturba, muito mais do que rege, o uso eficiente da língua falada e escrita. (Mattoso Câmara Jr., 1964: 8)

Numa atitude antinormativista e baseando-se na formulação do sintagma, Mattoso consegue redimensionar a descrição lingüística em todos os planos, sem se deixar impregnar pelo extremado behaviorismo norte-americano e alimentando o fundamento mentalista oriundo de estudiosos como Saussure e Sapir, por exemplo. Por isso, suas contribuições são tão significativas, porque contemplam a feição sociocultural do fenômeno lingüístico, considerando todas as conseqüências semânticas dos arranjos sintagmáticos decorrentes da produção de fala, da atualização da língua em ato de comunicação.

Em função do tempo-espaço que se destina a uma comunicação, é preciso finalizar este texto, ainda que não se tenha contemplado talvez nem dez por cento do alicerce lingüístico construído por Mattoso para os estudos do português do Brasil. Todavia, concluirei lembrando que embora haja quem repila a descrição mattosiana dos fenômenos lingüísticos por pertencer a outras correntes teóricas, os achados mattosianos podem e devem ser considerados um precioso legado para os avanços da descrição da língua portuguesa e por isso merecedores de comemoração e aplauso.

A ciência é uma redescoberta infinita e Mattoso, no seu tempo, mostrou-se um vanguardista na interpretação dos fatos lingüísticos, deixando valiosas ferramentas para a compreensão da estrutura da língua portuguesa, e, por conseguinte, para a melhoria da qualidade do ensino do vernáculo.

Concluimos com palavras do mestre que comprovam sua sensatez científica:

A descrição pode tomar para objeto qualquer modalidade lingüística, desde a mais popular ou remotamente regional até a mais elaborada, como, por exemplo, a língua da literatura. Importa, apenas, para ser exata e lúcida, concentrar-se no objeto especificamente escolhido. (Câmara Jr. 1971, 12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Enéas Martins de. *Nova gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Atlas, 1985.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- . *Estrutura da língua portuguesa*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- . *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- . *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- . *Dicionário de filologia e gramática*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- MACEDO, Walmírio. *Elementos para uma estrutura da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença.